

Apresentação: dossiê olhares sobre a Antiguidade e Idade Média: objetos distantes, questões presentes

Para que serve a história? Pergunta de um filho ao pai historiador, Marc Bloch, que motivou a escrita de um livro – o último escrito do referido autor e obra recorrente nas disciplinas introdutórias dos cursos de história. Em *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*¹ Bloch desenvolve reflexões que possibilitam mais de uma resposta a questão posta pelo filho, mas também se debruça sobre o trabalho historiográfico, o qual nomeia, de forma pertinente, como ofício.

Entendida como ofício, a história demanda o exercício constante de suas diversas atividades para o aperfeiçoamento das habilidades, seja de formular perguntas, ou de buscar e apresentar possíveis respostas. A proposta deste dossiê é justamente apresentar trabalhos de aprendizes do ofício de historiador que se encontram em diferentes estágios de formação acadêmica, desde estudantes de graduação até doutorandos. Provenientes de diversas regiões e portadores de experiências próprias, os autores nos agradam com diferentes olhares sobre a antiguidade e a idade média, demonstrando que o estudo de tais temporalidades atrai os esforços de pesquisadores com questões e objetivos não necessariamente próximos.

¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. André Telles (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Se Bloch teve dificuldades para responder ao filho sobre a serventia da história, o que dizer da utilidade do estudo de tempos tão recuados em um período no qual o futuro parece se aproximar com uma velocidade cada vez maior? Lendo os artigos que seguem, o leitor poderá comprovar a indicação de Marc Bloch que a história nos entretém.² Mas, como o autor desenvolve, há muito mais que isso. Nosso tempo nos põe várias questões, para as quais buscamos respostas por variados caminhos – na tecnologia, na fé, na organização de grupos e, entre outras possibilidades, no passado. Não que o estudo da organização política medieval vá nos proporcionar o entendimento do que ocorre hoje, mas aumenta nosso repertório mental e possibilita a proposta de apontamentos diferentes em torno de problemas atuais, pensando isso como exercício do grupo humano e não necessariamente enquanto tarefa individual de cada historiador.

As produções que compõem este número da revista Vernáculo nos trazem questionamentos sobre guerra, economia, natureza, criação de mitos e outros assuntos (problemas atuais, mas não inéditos na experiência da nossa espécie). Foram produzidos por autores de sete instituições diferentes, localizadas em quatro estados brasileiros (Goiás, Mato Grosso, Paraná e Sergipe) e em Portugal, possibilitando leituras a partir de perspectivas diversificadas.

O artigo de abertura do dossiê é de autoria de Douglas de Freitas Almeida Martins, intitulado *O dever da caridade aos pobres*:

²Idem.p. 42.

circulação de excedente, furto e a construção da noção de propriedade no interior da Ordem dos Frades Menores a partir das Legenda Maior e da Vita Secunda, trata dos modelos franciscanos de interação com a vida material presentes nas obras referidas, apresentando relações entre a economia e a espiritualidade.

O texto seguinte, *Dos montes à vila: considerações em torno da vila medieval portuguesa de aldeia galega da merceanato ponímia, povoamento, administração*, nossa contribuição portuguesa, escrito por Inês Sofia Lourenço Olaia, centra a análise na evolução do nome da região hoje conhecida como Aldeia Galega, entre os séculos XIII e XIV. A autora busca ainda as diferenças entre a nomenclatura em documentação local e proveniente da chancelaria régia.

Lorena da Silva Vargas, em *Luzes e sombras: a natureza na peregrinação a Santiago de Compostela segundo o Codex Calixtinus (século XII)*, analisa a influência da natureza sobre os peregrinos a caminho de Santiago de Compostela, tendo como fonte principal o Livro do peregrino.

A pergunta colocada por Willian Perpétuo Busch em *A construção da Cavalaria de Rei Arthur em Thomas Malory a partir do juramento do Pentecostes* objetiva chegar ao entendimento de como a ideia de cavalaria presente no *juramento de Pentecostes* foi forjada, atentando para o contexto de produção do texto e da vida do autor, bem como para o desenvolvimento do ideal de cavalaria, o qual teria Arthur como um dos modelos.

Também relacionado à cavalaria temos *As habilidades militares de Ricardo I no Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi (1217-1222)*, de Gabriel Toneli Rodrigues. O artigo pretende apresentar as habilidades de rei cavaleiro atribuídas pela crônica em questão a Ricardo I e entender como esta construção pode ser lida como uma crítica a João I e tentativa de promoção de Henrique III, reis que sucederam Ricardo no trono inglês.

Ives Leocelso Silva Costa analisa as escolhas feitas por França e Inglaterra no princípio do confronto que opôs os dois reinos por mais de um século. *Cavalaria e prática militar na fase inicial da guerra dos cem anos (1346-1356)* extrapola os aspectos militares para compreender as razões que levaram à insistência dos franceses na utilização da cavalaria, apesar de derrotas para tropas inglesas desmontadas.

Em *Invasão ou “guerra pela paz”? O retorno da rainha Isabella à Inglaterra (1325-1327)*, Janaina Bruning Azevedo objetiva compreender o que o movimento realizado pela rainha Isabella representou para a Inglaterra então governada por seu esposo, Eduardo II. Artigo com objeto mais recuado temporalmente, *Romanos e não-romanos: o nascimento da christianitas* de Gabriel Irinei Covalchuk discute o desenvolvimento da ideia de romanidade tendo como parâmetro a relação com o cristianismo.

Fechando o dossiê, temos um artigo de autoria coletiva: *A leitura da lenda da dama do pé de cabra na perspectiva das novas mídias digitais*, resultado de uma oficina realizada na Universidade

Federal do Paraná, que visa discutir as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias para a divulgação do conhecimento, partindo da análise da lenda da Dama do Pé de Cabra, história registrada no período medieval em Portugal. Esperamos que os textos aqui reunidos possibilitem reflexões e engendrem diálogos que colaborem com a continuidade do exercício historiográfico. Desejamos a todos uma boa leitura!

Willian Funke

Mateus Alves Nedbajluk